



# ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese  
as a second or foreign language*

Que Brasil é esse? Análise intercultural das  
Representações de Brasil e brasileiros  
Em Novo Avenida Brasil I

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva

Número 20

*Que Brasil é esse? Análise intercultural das representações de Brasil e brasileiros em  
Novo Avenida Brasil 1*

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves

jeffersonpn@yahoo.com.br

**Resumo:**

Utilizar livros didáticos de português para estrangeiros é uma tarefa que requer atenção do professor de PL2E. De maneira geral, todo livro didático apresenta representações, quase sempre generalizantes e estereotipadas, daquilo que seria o Brasil ou que seriam os brasileiros, vendendo – literalmente – no exterior imagens que talvez sejam as primeiras ou as únicas que os estrangeiros terão com o país. Nossa proposta investiga o livro Novo Avenida Brasil, observando, a partir do modelo de categorização de cultura de Lewis (2006), qual representação de Brasil e de brasileiros é apresentada pelo material. Nossas análises indicam que a categorização de Lewis do Brasil como sendo uma cultura multi-ativa é reforçada no material.

**Palavras-chave:** PL2E; Interculturalidade; Novo Avenida Brasil 1; Brasil; Brasileiros.

*What is brazil? Intercultural analysis of Brazil and brazilian representations in Novo  
Avenida Brasil 1*

**Abstract:**

Using textbooks from Portuguese to foreigners is a task that requires the attention of the PL2E teacher. In a general way, every textbook presents almost always generalizing and stereotyped representations of what Brazil would be or what Brazilians would be, selling - literally - on the outside images that may be the first or only that foreigners will have with the country. Our proposal investigates the textbook Novo Avenida Brasil, observing, from the model of culture categorization of Lewis (2006), which representation of Brazil and Brazilians are presented by the material. Our analyzes indicate that the categorization of Lewis of Brazil as being a multi-active culture is reinforced in the material.

**Keywords:** PL2E; Interculturality; Novo Avenida Brasil 1; Brazil; Brazilians.

## Uma introdução “justificada”

A proposta apresentada surge de nossa atuação docente, sendo um desdobramento de nosso projeto inicial de entrada para o doutorado em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2016, e da disciplina *Aspectos Interculturais do PL2E*, ministrada na Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, em 2019.

Em nossa prática docente, sempre foi um elemento de inquietação a representação feita pelos livros didáticos para o Brasil e os brasileiros. Embora os livros sejam escritos por autores brasileiros<sup>1</sup> – o que, a princípio, poderia sugerir uma análise menos estereotipada –, as imagens construídas por eles eram, de fato, um tanto ou quanto problemáticas, representando para o exterior um Brasil que poderia não corresponder à realidade.

Num país com a dimensão do Brasil, a princípio, seria necessário perguntar qual seria a representação de brasileiro a ser feita, ou que recorte de Brasil mostrar. Sendo o Brasil do Sudeste, seria o das praias cariocas e das belezas naturais ou o da agitada São Paulo, sempre preocupada com o trabalho? Seria o Nordeste dos baianos, sempre cansados e prontos a um cochilo ou o dos cearenses, com seu polo de inovação e *startups* que ganharam o Brasil. Cada um desses exemplos – e dos muitos outros possíveis –, ainda assim, não deixaria de ser uma mesma imagem estereotipada.

Para que essas imagens construídas não sejam simples estereótipos, mas estejam ancoradas em teorias científicas experimentadas, seria necessário repensar essas representações não mais a partir de um senso comum, mas de experiências concretas de pesquisa e teorização que pudessem ser utilizáveis num contexto acadêmico-científico. É o ponto em que a proposta de Lewis (2006) pode ser um possível caminho de explicação da cultura brasileira – ou do que se representa como cultura brasileira – em livros didáticos de português para estrangeiros.

A escolha pelos materiais didáticos deu-se porque, ainda que existam inúmeros outras possibilidades de representação da cultura de um país – como a propaganda exterior, as telenovelas, sites de turismo e noticiários, por exemplo, o livro didático continua a ser um produto “oficial” – Bolognini (1991) chega a chamá-lo de cartão postal

---

<sup>1</sup> Uma análise feita por outros ângulos deveria considerar ainda os autores, editores, diagramadores; a identidade visual, público-alvo ou alcance da editora, por exemplo, como outros elementos que influenciariam o livro didático – e isso, ainda, para citar alguns dentre todos. Não consideraremos essas outras premissas, já que elas não fazem parte, diretamente, de nossa análise.

de um país –, destinado aos usos formais e planejado para situações de ensino de linguagens, a área em que nos situamos. Some-se a isso que os trabalhos de análise de livros didáticos são, ainda, em número reduzido (SILVA, 2010; CRISTOVÃO e DIAS, 2009), especialmente no contexto de PL2E (JÚDICE, 2013; BARIZON, 2010), e surgirá o contexto em que nossa proposta enquadra-se, com relativa originalidade no contexto de PL2E e, em certa medida, das demais línguas estrangeiras, de uma forma geral.

Nossa proposta está dividida da seguinte forma: na primeira parte, temos a sua apresentação; na segunda, faremos uma breve consideração teórica que possa amparar nossas análises; na terceira, veremos a aplicação de nossa proposta em um livro didático específico – o *Novo Avenida Brasil* (LIMA 2008), da editora E.P.U.; por fim, faremos algumas considerações acerca da proposta e do modelo de Lewis.

### **Fundamentação teórica – alguns apontamentos**

Começamos expondo alguns estereótipos acerca do Brasil que podem ser vistos, de forma geral, na sociedade. São espécies de relativizações a partir de pontos em comum, que se espalham e se confundem, na vida hodierna, com análises acadêmico-científicas obtidas a partir de pesquisa, observação, investigação e síntese.

São, ainda, simplificadoras, uma vez que tendem a generalizar e reduzir as possibilidades de compreensão dos conceitos, fenômenos e realidades. Fazem parte, efetivamente, da cultura, das crenças e do imaginário das sociedades que, “em alguma medida, caracterizam e identificam” (BARBOSA, 2016, p. 49) aquilo que julgam representar.

Dessa forma, o livro didático será, em última análise, uma espécie de junção de “elementos desencadeadores de uma rede de significações complexa e específica” (BARBOSA, 2016, p. 51), não se restringindo a ser “uma [forma de] abordagem sobre a língua, sobre a cultura ou sobre as instituições deste ou daquele país” (BARBOSA, 2016, p. 51).

Como vimos, Bolognini (1991) dirá que o livro didático pode ser tido como sendo um cartão postal do país. Ele não deixa de ser, é claro, um produto cultural, fruto de seu tempo e de uma realidade teórico-conceitual específica (SILVA, 2016a; 2016b; 2015). Isso faz com que o consideremos

o *locus* de diferentes modos de representação (...), seja como peça ilustrativa (por meio de imagens), seja por meio de excertos textuais. Essas representações produzem significados e identidades que podem “congelar” não apenas nossa visão (...), mas reforçar generalizações e preconceitos” (BARBOSA, 2016, p. 52)

O ensino de línguas estrangeiras sempre esteve, historicamente, apoiado no livro didático, com a mesma realidade sendo vista na área de PL2E (BARIZON, 2010, p. 35; JÚDICE, 2013). Ele é, portanto, o material mais utilizado para o ensino e a aprendizagem de línguas (CRISTOVÃO e DIAS, 2009), estando presente em quase todas as suas situações (TILIO, 2008), geralmente ocupando a posição central no cenário. Nesse sentido, afirma Dias:

o professor, via de regra, acaba lançando mão do livro didático como o único recurso disponível para a sua atuação na sala de aula, assim como para a sua própria formação acadêmico-profissional. Com isso, o LD exerce uma grande influência no que se ensina e como se ensina, tornando-se um elemento-chave nas práticas escolares com fins à aprendizagem da LE (DIAS, 2009, p.199)

Tilio (2006, p. 108) afirmará que “ao invés de auxiliar o leitor a refletir, o livro didático acaba levando o leitor a internalizar um fato como absoluto, já que as informações contidas nos livros didáticos são concebidas como verdades absolutas e incontestáveis”. Ou seja: as representações que são feitas em um livro didático acerca de um país levam o aluno a ter a impressão de que são verdadeiras.

Peterson (2004), por exemplo, dedica-se a esclarecer alguns dos estereótipos relacionados à cultura e, principalmente, à forma como abordar as culturas em contextos interculturais. Uma tarefa, de fato, fundamental para o ensino de PL2E e que, ademais, é necessária ao professor também na escolha de seus materiais didáticos, uma vez que, ao escolher um livro específico, o professor o legitima perante seus alunos.

O mesmo Peterson busca definir o conceito de cultura, mostrando como ele está afetado pela percepção comum das pessoas – inclusive dos profissionais, como os professores. Para o autor, nem mesmo o dicionário ajudaria na questão, adiantando sua

percepção para o tema: culturas são variadas e compreendidas de forma diferente em cada contexto, lugar ou pessoa.

Entretanto, antes disso, culturas são representadas. Em nosso caso específico, culturas são representadas nos livros didáticos. Ao expor um ponto da cultura brasileira, da vida cotidiana, dos hábitos e costumes, os livros didáticos expõem uma visão acerca do que seja o país ou do que sejam as pessoas que nele habitam.

Diferentes autores, nas mais diversas áreas, dedicaram-se a discutir o conceito de cultura, especialmente antropólogos e sociólogos, como os famosos Clifford Geertz e Marshall Sahlins. A definição de cultura, porém, demonstrou-se uma verdadeira miríade de significados, muitas vezes contraditórios. Uma dentre essas noções de cultura dizia respeito a uma existência de dois tipos de cultura, que seriam definidas em suas explicações: uma cultura objetiva e uma cultura subjetiva.

Vamos considerar metaforicamente que a cultura equivale a um iceberg: embora tenhamos a propensão a achar que o iceberg flutua, sendo composto apenas daquilo que se pode enxergar, ele na verdade tem a maior parte de sua constituição escondida dentro da água. Assim também acontece com a cultura: tendemos a entender cultura como aquilo que se percebe sensorialmente, o que se vê, o que se toca – a língua, a música, a arquitetura, a culinária etc. mas há todo um conjunto de fatores invisíveis a um olhar menos atento que são tão ou mais importantes do que esses: os valores e crenças, a moralidade, a religiosidade, os comportamentos etc. (MEYER, 2013, p.15)

Dessa forma, a cultura objetiva poderia ser definida como sendo as criações artísticas, intelectuais e/ou civilizacionais dos homens, ao passo que a cultura subjetiva poderia ser definida como sendo o conjunto de crenças, pressupostos, modos de agir e de se relacionar com si e com os outros. Bagno, por exemplo, definirá cultura de maneira única, como sendo “um conjunto de práticas cotidianas e de crenças, ideias e valores a elas associadas e que caracterizam um grupo social ou uma comunidade em particular” (2017, p. 76). São possíveis definições que, por certo, ainda podem ser criticadas, problematizadas ou mesmo rejeitadas, sempre a depender de como o pesquisador irá se relacionar com ela.

Observando a ideia de cultura subjetiva, chegamos à proposta de Lewis (2006). O autor, oriundo do mundo comercial e das grandes empresas multinacionais, viu-se

inquietado com a forma como ele e seus colegas poderiam se relacionar, ao redor do mundo, com outras pessoas. Em seu ambiente de trabalho, esse relacionamento era um imperativo, sob pena de possuírem significativo revés financeiro caso não conseguissem se relacionar uns com os outros.

Após visitar mais de uma centena de países e de observar a cultura subjetiva do universo que analisava, Lewis sistematizou sua pesquisa num livro sobre o conceito de cultura e sobre como categorizar culturas para que, a partir disso, seus colegas pudessem tirar lições para sua prática laboral.

Sua proposta estava baseada na seguinte premissa: estudando a cultura subjetiva de cada país e traçando similaridades entre elas, seria possível categorizar essas culturas, dando indícios de como prevê-las para, então, poder ter uma atitude adequada em cada situação. Dizia o autor (Lewis 2006, p. 27) que “as várias centenas de culturas nacionais e regionais do mundo podem ser classificadas, de maneira geral, em três grupos<sup>2</sup>”, aos quais o autor denominou de multiativos, lineares ativos e reativos<sup>3</sup>. Algumas das características de cada uma dessas culturas pode ser vista na tabela abaixo<sup>4</sup>,

Linear-Ativa	Multi-Ativa	Reativa
Introvertido	Extrovertido	Introvertido
Paciente	Impaciente	Paciente
Quieto	Falante	Silencioso
Preocupado com suas próprias coisas	Curioso	Respeitoso
Gosta de privacidade	Agregador	Bom ouvinte
Planeja o futuro metodicamente	Planeja apenas as grandes coisas	Preocupa-se com os princípios gerais
Faz uma coisa por vez	Faz muitas coisas ao mesmo tempo	Reage
Pontual	Não pontual	Pontual
Segue planejamentos	Muda planejamentos	Faz pequenas mudanças
Orientado para o trabalho	Orientado para as pessoas	Orientado para as pessoas
Prioriza procedimentos	Manipula procedimentos	Prioriza network
Raramente interrompe	Interrompe frequentemente	Não interrompe

Tabela 1 – Características das categorias de cultura de Lewis (2006)

De acordo com a proposta do autor, o Brasil seria uma cultura de característica multi-ativa (LEWIS, 2006, p. 38), sendo um dos países do mundo com essa característica

<sup>2</sup> “the several hundred national and regional cultures of the world can be roughly classified into three groups” (tradução nossa).

<sup>3</sup> No original, *multi-active, linear-active, reactive*.

<sup>4</sup> A tradução foi feita pelo autor, com base em Lewis (2006, p. 33-34).

mais evidente. Assim, seriam características comuns aos brasileiros o fato de serem extrovertidos, informais, pouco afeitos ao trabalho e um tanto ou quanto desleixados com as suas responsabilidades. De maneira geral, os países latino-americanos e africanos seriam exemplos de culturas multi-ativas.

O modelo multi-ativo entra quase que em oposição ao modelo linear-ativo, categoria de cultura em que – segundo o modelo de Lewis, recorde-se – as sociedades são mais introvertidas, responsáveis, dedicadas ao trabalho e organizadas. Seriam países com culturas lineares-ativas, uns mais, outros menos, por exemplo, a Alemanha, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Países que, em geral, são desenvolvidos e quase sempre europeus.

Uma exemplificação da categorização de culturas de Lewis pode ser vista na sua pirâmide de culturas:

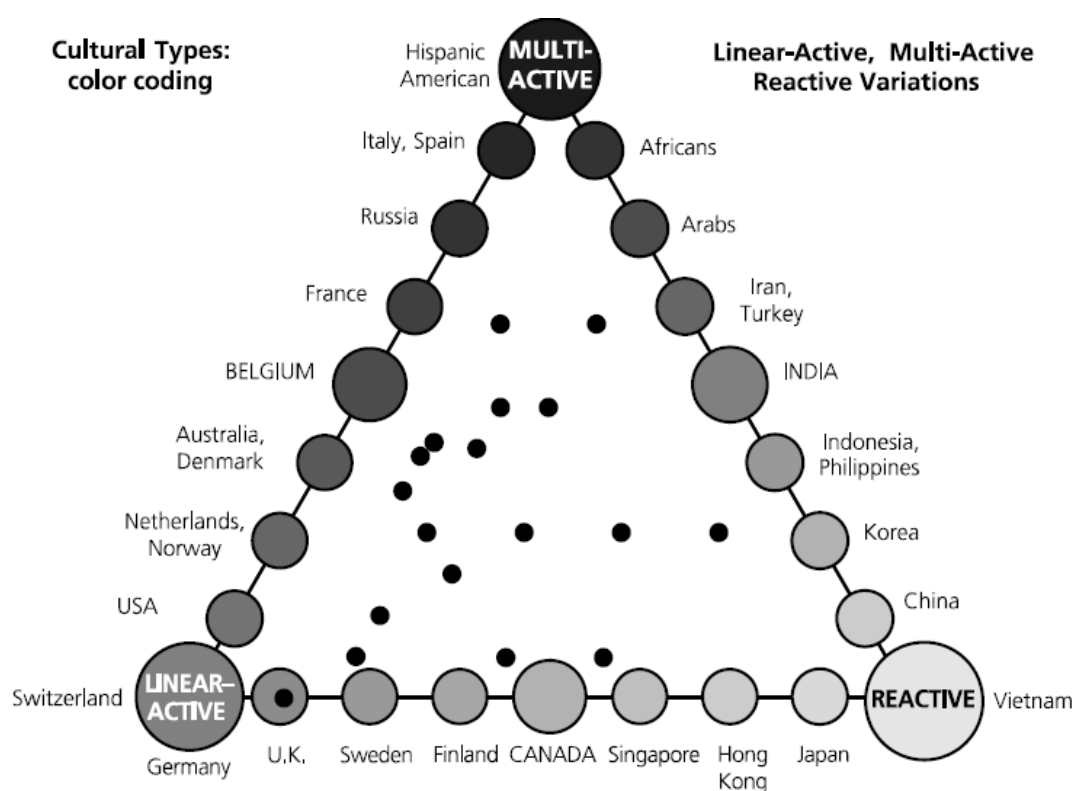


Figura 1 – Pirâmide de categorização de culturas (LEWIS, 2006, p. 42)

Ainda como características das culturas multi-ativas, como a brasileira, seria possível definir os brasileiros – ou seja, definir-nos – como pessoas que teriam pouca instrução, que trabalhariam de maneira mais informal e menos tecnológica e técnica, por exemplo. Multi-ativos seriam mais propensos a ignorarem compromissos,



responsabilidades e regras, privilegiando as relações interpessoais, a busca pela felicidade acima de tudo – por vezes sem considerar as consequências – e o conforto ao realizar atividades – que, por vezes, pode ser compreendido como sendo preguiça ou falta de empenho.

As análises de Lewis, embora frutos de uma investigação em centenas de países durante anos, não deixam de ser análises que tendem a generalizar esses países. Sem aprofundar a exemplificação do autor sobre cada uma das três categorias de cultura, já que a extensão desta proposta não permitiria tal ação, remetemos os leitores ao próprio texto de Lewis (2006, p. 27-51), assim como aos de Lima (2019), Almeida (2015) e Bolaccio Filho (2007), que utilizaram suas categorias de análise em casos concretos. Por agora, também, não faremos críticas ao modelo de Lewis, deixando-as para as considerações finais. Concordando ou não com as indicações do autor acerca das culturas, elas serão úteis para compreendermos melhor a representação de Brasil e de brasileiro que o livro didático que analisamos nos apresenta.

### **Novo Avenida Brasil – que Brasil é esse?**

Apresentamos em nossa introdução o material que seria analisado. O livro Novo Avenida Brasil (LIMA, 2008), publicado pela editora E.P.U., é composto por uma coleção de três livros. Para nossa análise, optamos por pegar o primeiro livro da coleção e observar a sua primeira unidade.

Nossa escolha deu-se porque, sendo a primeira unidade do primeiro livro, ali estaria contida a primeira impressão do aluno com o país cuja língua começaria a estudar. Isso é corroborado a partir da descrição do próprio livro, ocasião em que se afirma que o material “vai muito além [das situações de fala, apresentando] informações e considerações sobre o Brasil, sua gente e seus costumes” (LIMA et alii, 2008, p. III). O próprio material, portanto, apresenta-se como sendo uma representação do Brasil e dos brasileiros, assim como de seus costumes.

Aqui, justifica-se novamente a proposta que fazemos e a interface de discussão com o modelo de Lewis (2006). Buscamos investigar as representações de Brasil e brasileiro, algo que o livro afirma fazer; buscamos identificar a cultura subjetiva – em última instância, os costumes –, algo que o livro afirma fazer e que Lewis dedica-se a estudar.

A primeira página de atividades do material apresenta uma proposta habitual em livros didáticos de língua estrangeira, em que há uma apresentação das pessoas. No excerto em questão, com o nome “Conhecer pessoas”, são apresentadas situações em que pessoas cumprimentam-se.



Figura 2 – Atividade *Conhecer pessoas*

Inicialmente, a primeira impressão é a de que as pessoas já se conhecem, dada a proximidade expressa pela maneira como a apresentação entre as pessoas é indicada. Há pessoas que se tocam mutuamente, algumas delas em posição ligeiramente sensualizada, como naquela em que um homem levanta uma mulher em um abraço ou naquela em que duas mulheres se abraçam com os rostos próximos. Além disso, nas duas cenas em que há dois homens, a imagem deles é a de jovens descolados, usando bonés voltados para trás, camiseta regata, bermudas e roupas largas.

De acordo com Sanson e Júdice (2016, p. 148), a representação da imagem “sugere que o brasileiro é despreocupado com a vestimenta e, na composição com outras ilustrações (...), compõe uma representação do homem brasileiro desleal e desengonçado”. A impressão das duas autoras e as imagens indicadas vão ao encontro da proposta de Lewis (2006, p. 33-34), para quem os brasileiros, multi-ativos, são extrovertidos, falantes, agregadores, relaxados e expansivos.

Isso explica, por exemplo, a representação em que um homem conhece uma mulher e dá-lhe um abraço a ponto de levá-la, ou de dois homens que se encontram

pela primeira vez – a proposta da atividade é essa – e se tocam nos ombros ou batem na mão um do outro. Uma experiência que, no modelo de Lewis, jamais aconteceria em uma cultura linear-ativa, por exemplo.

Ou seja: como afirmamos inicialmente, o material, sendo produzido por brasileiros, ao menos em princípio deveria representar a maneira como esse brasileiro se vê ou como ele acredita que é visto – ou gostaria de ser visto – por estrangeiros. Acontece, porém, que na realidade é o próprio livro quem constrói uma representação de Brasil e de brasileiro que influenciará a forma como os estrangeiros, ao utilizarem o material, terão a impressão de serem os brasileiros.

Essa representação de Brasil indicada no material – e apresentada no modelo de Lewis – é, naturalmente, uma representação estereotipada, generalizante e simplista da cultura brasileira. Há, de fato, quem possa agir como os personagens da atividade<sup>5</sup> apresentada, reforçando a escolha do material e a proposta de Lewis. Entretanto, há quem assim não haja e que perceba na representação uma ofensa, uma situação desconcertante ou algo impossível de acontecer.

## **Considerações finais**

Uma análise da primeira representação de como os brasileiros agem apresentada em Novo Avenida Brasil é um indicativo material substancial para a forma como os brasileiros serão vistos pelos estrangeiros que utilizarem esse livro para sua aprendizagem. O modelo de Lewis, portanto, estaria representado textual e imageticamente, confirmando as investigações do autor acerca de como as diferentes culturas manifestam-se.

Situações similares à que discutimos repetem-se inúmeras vezes em todo o material, ainda que aqui discutamos apenas uma delas, por conta de nosso espaço. Trata-se de uma repetição que não pode deixar de ser assinalada, posto que apresenta e reforça, continuamente, uma visão particular de cultura brasileira.

A proposta de Lewis (2006), de fato, ajudar-nos-ia numa leitura do material em questão, ainda que também ela tenda a ser generalizante e a apresentar os países de maneira estereotipada, como se todos os brasileiros, não importa de qual classe social, cor, religião ou região agissem da mesma maneira e fossem como que uma massa

---

<sup>5</sup> O que não deixa de ser, também, passível de questionamentos.

uniforme. Ao contrário disso, suas crenças, valores, costumes e atitudes são as mais variadas possíveis. O livro, porém, assim como o modelo de Lewis, apresentam uma imagem quase que congelada daquilo que seria, para eles, o Brasil.

Criar categorias para as culturas – ou mesmo buscar definir o conceito de cultura – é uma tarefa que, quer mais, quer menos, tenderá sempre à generalização dos princípios mais evidentes que podem ser identificados em uma determinada situação. Hofstede (2011), outro teórico vindo do mundo comercial, como Lewis, foi um dos autores que tentou, a seu modo, aprofundar a percepção sobre as culturas, indo além daquilo que Lewis percebia superficialmente. Sua proposta, entretanto, não deixa de ser outra forma de generalizar as culturas a fim de instrumentalizá-las

As investigações mais recentes (KOUHPAEENEJAD e GHOLAMINEJAD, 2014; KRAMSCH e URYU, 2012), inclusive, tendem a afastar-se da ideia de categorização e a associar cultura à ideia de identidade, sendo o contato intercultural a chave de autopercepção de uma identidade própria que poderia ser vista como sendo a cultura.

A questão, entretanto, permanece: criticamos a generalização das culturas e as tentativas de categorização destas, criticamos a representação e as imagens que são construídas para o Brasil e os brasileiros, mas, ao mesmo tempo, continuamos a utilizá-las, reproduzi-las e atualizá-las. O livro didático analisado, por exemplo, é um dos que reproduz categorizações estereotipadas como a de Lewis.

Nosso texto tem por título uma pergunta que agora pode ser respondida. Que Brasil é esse? O dos estereótipos.

## **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Marcia Araujo. Deixa a vida me levar...Um jeito brasileiro de lidar com a incerteza: uma descrição de aspectos da cultura e do comportamento dos brasileiros como contribuição para a área do português para estrangeiros. 2015. Tese (Doutorado em Departamento de Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas. Brasília: EDU-UNB, 2007.

BAGNO, Marcos de A. Dicionário Crítico de Sociolinguística. São Paulo: parábola, 2017.

BARBOSA, Lucia de A. Imagens do Brasil em branco e preto nos livros didáticos de português para estrangeiros: reflexões para uma educação intercultural. In TURAZZA, Jeni, BUTTI, Cassiano. Estudos em português língua estrangeira. São Paulo: Paco Editorial, 2016.

BOLACIO FILHO, Ebal Sant'Anna. As diversas formas do pronome interrogativo que; (O) que ((é) (que)) se deve ensinar ao aprendiz de português PLE/PL2E. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BOLOGNINI, Carmen Zink. Livro didático: cartão postal do país onde se fala a línguaalvo? Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas - UNICAMP, (17): 43-56, Janeiro-Junho 1991.

CRISTOVÃO, Vera L. L.; DIAS, Reinildes. (Org.). O livro didático de línguas estrangeira: múltiplas perspectivas. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

DIAS, Reinildes. Critérios para a avaliação do livro didático (LD) de língua estrangeira (LE). In: CRISTOVÃO, Vera L. L.; DIAS, Reinildes. (Org.). O livro didático de línguas estrangeira: múltiplas perspectivas. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

DINIZ, Leandro Rodrigues, STRADIOTTI, Lúcia Mantovani, SCARAMUCCI, Matilde Virginia Ricardi. Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. In: DIAS, Reinildes, CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs). O livro didático de língua estrangeira – múltiplas perspectivas. São Paulo: Mercado das Letras, 2009

JÚDICE, Norimar. Identidade brasileira em material para o ensino de português a falantes de alemão. In: MEYER, R. M de B. & ALBUQUERQUE, A. Português para estrangeiros: questões interculturais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.

KOUHPAEENEJAD, M.H.; GHOLAMINEJAD, R. Identity and Language Learning from Post-structuralist Perspective in Journal of Language Teaching and Research, Vol. 5, No. 1, January 2014

KRAMSCH, C.; URYU, M. Intercultural contact, hybridity, and third space. In JACKSON, J. (Ed.) The Routledge Handbook of Language and Intercultural Communication. New York: Routledge. 2012

LEWIS, R. D. Cross Culture. Know culture for better business. The Lewis-Model – Dimensions of Behavior. Disponível em <<https://www.crossculture.com/the-lewis-model-dimensions-of-behaviour/>>. Acesso em 04/07/2019, às 12h21.

LIMA, Adriana Borgerth Vial Corrêa. O carnaval carioca nas revistas alemãs: aspectos interculturais relevantes para o ensino de PL2E. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LIMA, Emma O. F. Novo Avenida Brasil 1 – Curso básico de português para estrangeiros. São Paulo: EPU, 2008.

MEYER, Rosa Marina de B. (2013). Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural. In: MEYER, R. M de B. & ALBUQUERQUE, A. Português para estrangeiros: questões interculturais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

PETERSON, Brooks. Cultural Intelligence. Boston: Intercultural Press, 2004

RIBEIRO, Alexandre do A. Ensinar aprendendo e aprender ensinando: a formação docente como eixo norteador da área de Português Língua Não Materna (PLNM) na UERJ. In: MEYER, R. M de B. & ALBUQUERQUE, A. Português: uma língua internacional. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

SANSON, Cirlene, JÚDICE, Norimar. Le brésilien (le portugais du Brésil) sans peine: estereótipos do Brasil e dos brasileiros. In: RIBEIRO, Alexandre do A. Ensino de português do Brasil para estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas, 2016.

SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento. Análise e crítica de materiais didáticos de língua italiana como língua estrangeira: método, metodologia e abordagem comunicativa em perspectiva. Dissertação de mestrado em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2016a.

\_\_\_\_\_. Livros didáticos de italiano para estrangeiros: critérios de avaliação e possíveis impactos para o ensino. In: Annita Gullo; Luiz Carlos Balga Rodrigues. (Org.). Ensinando e aprendendo línguas neolatinas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016b.

\_\_\_\_\_. Criação e crítica de materiais didáticos de italiano: (re)significação e (re)construção da abordagem comunicativa. In: Angela Baalbaki, Janaína Cardoso, Poliana Arantes e Sandra Bernardo. (Org.). Linguagem: teoria, análise e aplicações. Rio de Janeiro: Eduerj, 2015.

SILVA, Renato Caixeta da. *Estudos recentes em linguística aplicada no Brasil a respeito de livros didáticos de língua estrangeira*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA). vol.10 Nº.1 Belo Horizonte, 2010

TILIO, R. C. O livro didático de inglês em uma abordagem sócio-discursiva: culturas, identidades e pós-modernidade. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v. VII, p. 117-144, 2008.